



FALHA E CONCERTO INTERMITENTE: NOTAS SOBRE EXPERIÊNCIA SONORA

Waléria Américo¹

Universidade Federal do Pará

Introdução:

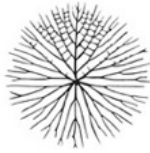
O presente trabalho reflete sobre a relação entre som e imagem na criação artística voltada a arte sonora e propõe-se analisar o processo de construção da sonoridade de duas obras: A performance *Falha* e a instalação *Concerto Intermitente*. Ambas são composições que possuem na sua base, sons de tiros. Na primeira obra o ato de atirar gerou sons que se estendem da partitura à performance, enquanto a segunda obra tensiona o som por meio das longas durações e sobreposições de outros tiros.

A investigação sonora de *Falha* e *Concerto Intermitente* pensa a violência e o transmutar da violência dos tiros. A imagem dos tiros reside no som. Tanto o som quanto a imagem existem por sua duração, mas a violência dos tiros irrompe o que dura, a vida. O som dos tiros em ambas proposições estão endereçados ao corpo, e o corpo ver as imagens pela sensação. Violentas imagens que nem sempre pertence ao campo da arte. Os tons intensos das notas musicais e as variações rítmicas dos tiros refletem a violência, violência no contexto das imagens como dispositivo. Mondzain (2009: 45) aborda no seio do império do visível que a imagem não é intrinsecamente violenta, mas pode por si só, matar. É o modo como se recebe e utiliza que a reveste de perigo. A violência emerge na recepção e partilha das imagens, sendo, portanto, um dever estético, ético e político.

No contexto da pesquisa em arte com o som dos tiros remonto a memória inaugural das partituras experimentais: em *Amplitude* nego a imagem pelo ato simbólico de atirar com chumbo folhas em branco - as primeiras intensões sonoras. O gesto de desenhar linhas meio as rasgaduras gerou pautas para improvisações com outros artistas e músicos. A percepção da partitura propõe a identificação do som enquanto acontecimento ressonante. *Amplitude* abriu caminho em direção a ressignificação da imagem através da multiplicidade de situações performativas para revelar os sons. O corpo sonoro diz Provencher (2008: 128) será sempre ao mesmo tempo, o corpo que ressoa e o corpo de escuta, onde o som ressoa o que nele ressoa. O som possui uma estrutura de reenvio que o torna instável aos olhos.

A sonoridade da série *Amplitude* buscou o adiar das imagens pela vivência da colaboração, o encontra do som e o ressoar do som em si. Diferente do processo de concepção de *Falha* e *Concerto Intermitente*, onde tanto a partitura na performance quanto a peça sonora na instalação, amplificaram a imagem da violência. Seguindo a pista oferecida por Nancy (2014:19-20) o ato de escutar nos faz entrar nesta espacialidade ao mesmo tempo que sou penetrado, a escuta abre-me em mim tanto quanto em meu redor, e a partir de mim quanto em direção a mim.

O estudo dos procedimentos de *Falha* e *Concerto Intermitente* teve o objetivo compreender a presença da imagem em trabalhos sonoros, bem como provocar o



descolamento do visível nas artes para potencializar a condição crítica e/ou política do som. É interesse também dessa reflexão apontar estratégias para novos processos artísticos com a imagem ou pela ausência da imagem no campo das artes sonoras.

Metodologia

Situando esta proposta numa investigação artística que evidencia os modos de transformação da violência em sonoridades, as obras *Falha* e *Concerto Intermitente* tensionam procedimentos de estar-no-mundo e estar-com-outros como lugar de acontecimento para composições da imagem-infinita-porque-sonora.

Em *Falha*, o corpo em deslocamento se serve de gestos e escuta para encontrar o som. O ato de atirar em prato de bateria com Rual Alvarez, um construtor de armas, revela sons e histórias de guerras. O desenho do objeto alvejado vira o esboço da partitura, a transposição para notas, feita por Hernan Zaparart finaliza a condição dos tiros em música. A partitura *Falha* foi interpretada por seis instrumentos de sopro, e sua proposição performativa pede que cada músico toque as notas até o limite do seu ar.

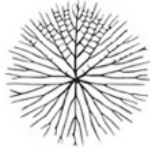
Para *Concerto Intermitente*, o espaço de negociação parte de ruídos de tiro, o tempo entre o disparo da arma de fogo e o perfurar do prato de bateria. O ínfimo sonoro gera um campo de operações que trabalha o agravamento: as variações do tempo do tiro em longas durações e as inversões do trajeto bala desenharam a base da composição. A sobreposição de frequências aguda apontam para os oitenta tiros do exército brasileiro contra família no Rio de Janeiro. A peça sonora insere camadas de sons oscilantes feitas em colaboração do engenheiro de áudio Marcello Rosa. A instalação sonora *Concerto Intermitente* ressoa o impacto do tiro pelo sensorial da imagem fatal da violência.

A metodologia deste trabalho consiste em uma pesquisa qualitativa, pois a abordagem do problema, considera a relação dinâmica entre o mundo objetivo e o subjetivo do sujeito, experiência visível em processos artísticos. Enquanto do ponto de vista dos objetivos é uma pesquisa exploratória, por proporcionar o aprofundamento em torno do problema, envolver o levantamento bibliográfico e apontamento de novos problemas para pesquisa das duas obras de arte.

Resultados e discussão

Pensando que a imagem não se reduz ao domínio visual, a importância de aproximar as obras *Falha* e *Concerto Intermitente* neste estudo parte do entendimento que ambas propagam uma imagem sonora da violência.

Na partitura *Falha* observo o percurso para transmutar o som agressivo do tiro em notas musicais, e as notas podem também ser todas a sonoridade das colaborações na feitura da obra. Segundo Iazzetta (2016: 394) o som virou imagem, por meio de sua performance, ou seja, passou a atuar no propósito de querer dizer algo por ele mesmo. Segundo o autor, o som passou a mostrar tudo aquilo que a música quis desfaçar com a ideia de nota: o ruído, as suas pequenas flutuações, rugosidade e imprecisões. Dentro dessa perspectiva compreende-se que na duração do fôlego dos músicos para interpretar as notas da partitura, ressoa também um lamento do invisível, a imagem em contraposição a força da vida.



Na instalação *Concerto Intermitente* percebe-se a criação de uma composição que ataca a própria violência por sua visibilidade sonora. Iazzetta (2016: 383) nos lembra que da mesma maneira que aprendemos a ver e a interpretar as imagens visuais, também podemos escutar e interpretar as imagens sonoras. E continua dizendo que os sons são, antes de tudo, signos que remetem a algo: a uma fonte sonora, a ambiente sonoro, a um evento sonoro, mas também a todas as coisas, contextos e situações que podem estar associado a esses sons. Novamente a sonoridade do tiro dura em sobreposições temporais no trajeto da bala. O espaço da instalação sonora amplifica as imagens pelo corpo do espectador.

Identificando o objeto sonoro da obra *Falha e Concerto Intermitente* notamos que entre o som e a escuta há um visível que não produz imagens. O que no contexto deste estudo chamamos de imagem sonora - violência. Aceitando que a imagem no campo da artes produz dessemelhanças como coloca Rancière (2011: 14) estes desfasamentos produzem outras formas de representação no contexto da arte. Deslocando para o campo das artes sonoras, haveria uma tensão entre dizível do som e invisível das imagens que estaria ligada a produção de semelhança e dessemelhança, permitindo interações da obra com o corpo do espectador.

Conclusões:

Nessa experiência artística o som é entendido como lugar de fricção com o mundo. A partitura *Falha* e a instalação *Concerto Intermitente* atravessam o espaço por medidas sonoras. O trajeto do som nas obras estudadas, mira a violência e dialoga com imagens a partir da escuta. O acontecimento sonoro foi pensado a partir da ressonância, da existência do som enquanto tiro, partitura ou composição, com a sua temporalidade direcionada a interpelação do corpo sensível do outro, proporcionando nele o vibrar do som para si e para fora de si.

Esta reflexão sobre as sonoridades de *Falha e Concerto Intermitente* deixou também saber que ao passo que a partitura funcionou como caminho para desvelar sons entre música e ruído, a escuta em sua singularidade sensível pôde produzir imagens de natureza invisível, ou imagens sonoras.

Palavras-Chave: Partitura. Som. Imagem. Performance. Instalação.

Agradecimentos:

Fundación ACE - Programa Internacional de Residência Artística (PIRAR) - Buenos Aires - Argentina.

70o Salão de Abril - Secretaria Municipal da Cultura de Fortaleza (Secultfor) e Instituto Cultural Iracema (ICI) - Fortaleza - Brasil.

Referências Bibliográficas

MONDZAIN, Marie-José. **A imagem pode matar?**. Lisboa: Passagens, 2009.
NANCY, Jean-Luc. **À escuta**. Belo Horizonte: Edições Chão da Feira, 2014.



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

PRADO, Gilbertto (Org.); TAVARES, Monica; ARANTES, Priscila. Diálogos transdisciplinares: Artes e pesquisa. *In*: IAZZETTA, F. **A imagem que se ouve**. São Paulo: ECA/USP, 2016.

PROVENCHER, Louise. **A delinquência do som**, Revista Marte/FBAUL, Lisboa, v.3, p.122 -135, 2008.

RANCIÈRE, Jacques. **O destino das imagens**. Lisboa: Orfeu Negro, 2011.